



Clippings

BRASIL

CARROS E MOTOS

ECONOMIA

EDUCAÇÃO

ENTRETENIMENTO

ESPORTE

MEIO AMBIENTE

MUNDO

MÚSICA

POLICIAL

POLÍTICA

RURAL

SAÚDE

TECNOLOGIA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Home](#) [Fale Conosco](#) [Plugar Informações Estratégicas](#)**Quantas línguas existem no mundo?**

Clique aqui para descobrir.

Curiosidades Google

**EX-GOVERNADOR DE SÃO PAULO DURANTE O REGIME MILITAR LANÇA SEU LIVRO DE MEMÓRIAS NO RIO DE JANEIRO**

18/03/2008 13:49

Fonte: [Maxpress/Notícias](#)

PAULO EGYDIO MARTINS FAZ PALESTRA NO RIO PARA O LANÇAMENTO DE SEU LIVRO DE MEMÓRIAS PUBLICADO PELA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO O depoimento do empresário e político Paulo Egydio Martins - ministro e governador de São Paulo durante o regime militar - reunido no livro Paulo Egydio conta, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e FGV, é um importante documento sobre esse período conturbado da história recente do Brasil. Ele fará palestra e participará de uma sessão de autógrafos no dia 28 de março, a partir das 17h30, na Fundação Getúlio Vargas (Rua da Candelária, nº 6 - Rio de Janeiro).

Paulo Egydio conta Depoimento ao CPDOC-FGV

Org. Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias e Dora Rocha
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e FGV 584 páginas

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e FGV 584 páginas R\$ 60,00

Para marcar o lançamento de Paulo Egydio conta no Rio de Janeiro, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a Fundação Getúlio Vargas promovem palestra do ex-governador de São Paulo (1975-1979) e sessão de autógrafos na sexta-feira, dia 28 de março, a partir das 17h30, na FGV (Rua da Candelária, nº 06). Resultado de 45 horas de depoimentos concedidos ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV, o livro traça a trajetória pessoal e política de Paulo Egydio Martins. A organização é de Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias e Dora Rocha.

Um dos principais focos de interesse do livro é a atuação política de Paulo Egydio entre 1963 e o fim do mandato presidencial de Ernesto Geisel (1974-1979) e sua visão crítica acerca do período. "Creio que o livro é um documento importante para a compreensão da história recente do Brasil. É a minha verdade, não a verdade absoluta; é a minha visão dos fatos", afirma. Ele trata ainda de temas como sua formação e família, a entrada no movimento estudantil, sua fase de conspirador, o início na política, sua atuação no Ministério da Indústria e Comércio e no Governo do Estado, os problemas da ditadura e da política e também a volta à iniciativa privada.

O livro Nascido em 1928, Paulo Egydio Martins foi influenciado pelas idéias positivistas do avô paterno e recebeu formação católica da mãe. Descobriu a política enquanto freqüentava a Escola de Engenharia da Universidade do Brasil, onde ingressou no fim dos anos 1940. Foi presidente da UME e diretor da UNE. Antes de terminar a faculdade começou a trabalhar como estagiário na Byington & Companhia, onde logo deu seus primeiros passos como empresário.

Tomou parte do golpe militar de 1964 como empresário. "Nosso objetivo era evitar o golpe da república sindicalista. Agora, nós não estávamos preparados para o que veio depois. Aí eu tenho que reconhecer que nós, civis, fomos completamente ingênuos. Não tínhamos noção de que havia grupos dentro do exército que já

...reconhecer que não, sim, temos completamente ignorado. Mas tínhamos noção de que havia grupos dentro do exército que já planejavam manter o domínio do país, num regime militar, por mais tempo".

A clássica divisão que havia no Exército entre a ala moderada e a linha-dura permeia boa parte do depoimento. Alinhado com os militares moderados, como Castello Branco e Ernesto Geisel, Paulo Egydio foi ministro da Indústria e Comércio do primeiro e foi indicado pelo segundo para ser governador de São Paulo. Coerente com seus princípios éticos, participou do regime militar com o propósito de trabalhar pelo restabelecimento da democracia no país.

A entrevista apresenta suas realizações nos períodos do ministério e do governo, mostrando também os bastidores das relações com políticos, militares e empresários, além de descrições de personagens e situações que ajudam a compreender cenários políticos e visões de mundo.

Durante seu governo aconteceram, no DOI-Codi, as mortes de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, que levaram à exoneração do comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Melo - um dos expoentes do grupo linha-dura -, com o qual Paulo Egydio nunca tivera boas relações. "E não tinha como me entender com aquele homem. Cheguei a ter ódio pessoal dele, pela irresponsabilidade criminosa a que eu estava assistindo".

Outro episódio marcante de seu governo foi a invasão da PUC, em 1977, onde se realizava um congresso clandestino da UNE. Considerando a UNE uma ameaça à segurança nacional, posição não compartilhada por Paulo Egídio, o presidente Geisel determinou a proibição de qualquer reunião da entidade. O governador não impediu a realização do congresso e só determinou a invasão da PUC quando os estudantes saíram à rua. "Enfrentei uma determinação do presidente da República para tentar manter a conciliação. Fiz isso durante oito horas, até que os estudantes conseguiram alcançar o que queriam. Quando eles viram que eu não intervinha, foram para a rua, que era um recinto público, me obrigando a intervir".

Em 1975, antes mesmo de tomar posse como governador, Paulo

realização do congresso e só determinou a invasão da POC quando os estudantes saíram à rua. "Enfrentei uma determinação do presidente da República para tentar manter a conciliação. Fiz isso durante oito horas, até que os estudantes conseguiram alcançar o que queriam. Quando eles viram que eu não intervinha, foram para a rua, que era um recinto público, me obrigando a intervir".

Em 1975, antes mesmo de tomar posse como governador, Paulo Egydio deu posse a Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. "[Fiz isso] por duas razões: primeiro, porque, como empresário, eu tinha vivido a época do peleguismo, e era uma vergonha ver como os sindicatos eram subornáveis, fracos, como qualquer greve era comprada. Eu tinha um verdadeiro asco disso e admirei a figura do Lula, que se apresentava como um sindicalista totalmente contrário ao peleguismo getuliano. Houve outro detalhe que me influenciou na época: ele derrotou a corrente do velho PCB, representada pelo Paulo Vidal."

A maior crítica de Paulo Egydio ao regime militar diz respeito ao totalitarismo e à tortura. Ele completa sua avaliação afirmando que "houve uma visão medíocre na maioria dos governos militares sobre os problemas brasileiros. Não foram fundo, como já era público e notório que se deveria ir, numa série de problemas. [...] O governo Castello Branco, sem dúvida, fez grandes reformas: a criação do Banco Central, do BNH e várias outras. Mas nós sabíamos que era preciso muito mais. Pretendeu-se fazer uma mudança política. O que foi que se fez? Criou-se o bipartidarismo, Aquilo foi uma coisa absolutamente ridícula, que não mudou, não mexeu em nada".

Mais informações para a imprensa com Maria Fernanda Rodrigues (Lu Fernandes Escritório de Comunicação) pelo telefone (11) 3814-4600